

EPISÓDIO 4 - OS ESPÍRITOS DA ILHA

Transcrição

Os trechos em verde indicam áudios que foram gravados em campo

Lucas: Você já se sentiu travado por barreiras invisíveis? O medo já te paralisou? Já desacreditou de você a ponto de desistir de alguma coisa?

Lucas: Oi, aqui é o Lucas. E eu sim!

Gabi: E aqui é a Gabi. E eu também!

Gabi: Esse é o episódio 4 de Sinal de Vida. A gente recomenda fortemente que você ouça essa série desde o episódio 1 para entender melhor a história de hoje. E também, se puder usar um fone de ouvido, a história fica mais gostosa de se ouvir.

Lucas: Nesse episódio a gente vai contar como a gente deu um passo muito importante pra nossa busca. Mas pra isso eu precisava quebrar algumas barreiras na minha mente. As coisas começaram a mudar quando eu li um livro que conta uma história real. Que aconteceu em fevereiro... de 1926.

Lucas: Jorge Cocicov tava ansioso para chegar da viagem de tantos dias. As costas de sua esposa, Eudóxia Cocicov, já tavam doloridas de tanto carregar o peso da Maria, a filha do casal. Tudo isso naquele porão de navio que cruzou dois oceanos. O irmão de Jorge, o Miguel, também tava com eles. Eles tinham acabado de deixar as casas deles, num território chamado de Bessarábia, perto da Rússia. Eles tavam fugindo, porque desde o fim da Primeira Guerra Mundial, a Bessarábia tava sendo invadida pelos romenos. E essa já era a segunda vez que eles tavam fugindo, porque na verdade eles nasceram na Bulgária, fugiram de lá por conta da invasão do Império Otomano.... E Agora, no fim dessa segunda fuga, eles tavam cheios de esperança pra conseguir recomeçar a vida em outro país! Tudo isso pra conseguirem aquilo o que os agentes de imigração prometeram pra eles: uma casa, terra para plantar, animais para criar e algum dinheiro para investir nos negócios. Da Bulgária pra Bessarábia, da Bessarábia para o Brasil. Agora, eles estavam prontos para prosperar nesse país tropical.

Jorge e Eudóxia, desembarcam no porto de Santos, no sudeste brasileiro. Eles tavam sentindo que as calças deles de tecido grosso realmente não caíam bem naquele calorão de verão.

De lá, o Jorge, a Eudóxia, a recém nascida Maria, o Miguel e quase 2000 imigrantes búlgaros da Bessarábia foram encaminhados pra São Paulo, no bairro do Brás, onde fica a Hospedaria de Imigrantes, um prédio que tem a capacidade de alojar 3000 pessoas, com dormitórios coletivos. Eles recebiam 3 refeições por dia. Conforme os dias iam passando, o Jorge começou a ouvir uns buxixo nos corredores da Hospedaria, relatos de outros búlgaros bessarabianos que vieram antes que eles... aos poucos o Jorge percebeu que na verdade não ia acontecer como foi combinado: eles tavam ali para serem mãos-de-obra em lavouras. Eles não iam trabalhar na terra deles, mas na dos outros. Na verdade, sem saber, eles tavam esperando ser chamados por algum capataz, para viajar para alguma fazenda no interior de São Paulo. O clima fica cada vez mais tenso na Hospedaria dos Imigrantes. Mas mesmo com medo, o Jorge ainda tem coragem de trabalhar duro em alguma fazenda, se for um emprego justo, ué, por que não? Mas as esperanças dele foram destruídas, em

uma manhã... quando chegou lá um homem, desses imigrantes, com a cabeça toda ensanguentada, com as costas toda machucada, totalmente apavorado. O que ele falou, hoje tá escrito no Setor de História oral, do Museu da Imigração de São Paulo. Ele gritou o seguinte

Imigrante: “Esta aqui é a casa, é o que nos prometeram!!! Eu consegui escapar à noite porque estamos num lugar onde somos vigiados! E no portão, tem guarda que não nos deixa sair para lugar nenhum! Tem que levantar às 4 horas da manhã, para a enxada e ir para o campo, para o cafezal. Meus amigos, nós somos escravos! Eu deixei a minha família, deixei meu pai, minha esposa, meus filhos... consegui escapar e vim aqui avisar vocês o que estão fazendo conosco!”.

Lucas: Aquilo foi a primeira pólvora que ia se acumular ali nos próximos dois meses. Os quase 2000 imigrantes búlgaros bessarabianos dali, começaram a se recusar a irem para as lavouras, eles exigiam que fossem retornados para sua terra natal. Não era nada daquilo que prometeram! Eles tavam revoltados! Até que em abril daquele ano, de 1926, essa bomba explodiu em uma tarde de sábado, a direção da Hospedaria chamou a força pública e a cavalaria. Um rapaz búlgaro bessarabiano, **Constantino Curalov** que naquele dia tinha 25 anos, relatou:

Constantino Curalov: Passou um trem voando, escrito Imigração. Se abriram os portões laterais e entrou a polícia de choque. Mas antes já tinha encostado um trem dentro da imigração e com vagões vazios que eles tinham preparado para levar na marra imigrantes. Então, os soldados começaram a pegar a gente e diziam “Não, não tem que perguntar família nem nada”. Pegavam na marra, levavam dentro do vagão. Levavam que nem carneiro.

Lucas: Sem conversa, sem ideia. Marido separado de esposa, mãe separada de filho. A Eudóxia tava segurando firme a Maria no escuro do vagão fechado. Nisso eu imagino que ela conseguiu ouvir algum dos generais falar o seguinte

General: "já que esses gringo comunistas não quer trabalhar, a gente não vai deixar eles vagabundeando pela cidade. Pelo bem deles, a gente vai ter que mandar eles pra um local isolado. A gente vai ter que mandar eles para a Ilha da Morte!"

Lucas: Você já deve imaginar que ilha é essa, né? Ilha da Morte era como a Ilha Anchieta era conhecida naquela época... que é o mesmo lugar que a gente tá fazendo a nossa viagem em busca da raia-chita.

Lucas: Episódio de hoje: Os espíritos da Ilha

Lucas: A gente já volta pra história do Jorge e Eudóxia!
Agora de volta para 2023, na nossa viagem de campo...

Gabi: Os dias vão se passando. A gente continua todos os dias, as 8h30 da manhã, mergulhando e gravando os costões em busca da raia-chita. E a gente tem novidades!

Lucas: Dia 17 de março! Não por acaso, 17... To aqui com a Amandinha

Amanda: Oi, oi gente!

Lucas: A gente viu 17 indivíduos de...

Amanda: Raia!

Lucas: Mas não é chita! Hahahah

Amanda: Ainda não!

Lucas: Foi a raia-lixia... *Hipanus guttatus*, o seu nome científico. Desculpa sou cientista haha. E ai como foi?

Amanda: Foi incrível, mas ao mesmo tempo totalmente assustador!

Lucas: Sim, porque a Praia das Palmas, ela é uma praia rasa. Começa bem rasiada e demora pra ficar funda, e ai a gente, mano, ficou muito perto das raias que tavam embaixo da terra, da areia, e ai da um medão né.

Amanda: Se a gente descesse a mão, a gente encostava.

Lucas: Então é isso, é dia 17, vimos 17 raias!

Lucas: E junto com essa tensão. Eu to sentindo uma outra pressão: é que o meu aniversário tá pra chegar. Eu tava pra fazer 32 anos. Desde que eu cruzei os 30, no meio da pandemia, eu sinto, assim, que eu tô atrasado, sabe? Eu sinto que eu já devia ter conquistado uma carreira sólida. E não era pra estar por um mês em um lugar daqueles, tá ligado? Por isso, eu não falei pra ninguém do meu aniversário.

Gabi: Mas é claro que eu e a Lascada - a nossa amiga que era integrante do grupo das Borboletas - A gente conhece o Lucas não é de hoje, e ele não precisou falar nada pra gente.

Lucas: É, que vocês são umas boquinha de sacola, né... Já espalhou pra geral

Gabi: Espalhei mesmo, e ainda planejamos uma festa surpresa.

Gabi: Enquanto isso, nossos mergulhos diários, tavam ficando cada vez mais interessantes. O mar tava diferente quase todo dia.

Lucas: Mano, eu tava mergulhando mais de uma vez por dia! Eu nunca fiz isso na vida. Eu tava batendo todo dia no meu trauma de mergulho. A ponto daquilo virar natural pra mim. Mas... quando eu achei que eu tava todo bonzão, no dia seguinte... eu dei um passo pra trás nessa batalha.

Lucas: Tava eu e a Amanda naquele dia. A gente tava voltando de barco da Praia do Sul. Quando tá um pouco mais fundo, a gente olha pro fio d'água e vê, mano, uma coisa boiando na esquerda do barco. Parecia tipo uma lona marrom de uns 2 metros de largura. Eu tava só de shorts com a câmera na mão. O piloto parou o barco na hora porque a gente percebeu: era uma raia! Uma raia diferente das que a gente viu até agora. Era uma raia-ticonha! É uma espécie que ela é conhecida por nadar livremente e ela nunca se enterra, mas mesmo assim ela é muito rara de se ver. E eu, todo desesperado, peguei a câmera, meu snorkel e, junto com a Amanda, puft, pulamos na água!

Mas dessa vez... mano, entrar na água foi diferente...

Eu senti a água gelada cobrir meu corpo. Eu comecei a respirar rápido. Parecia que meu pulmão era menor do que o normal. Eu sou muito magro, e eu senti o calor sendo roubado

pela água. “Hipotermia é um bagulho serio”, eu tava pensando. Eu olhei pra baixo e o oceano estava escuro. Tava cheio de pedra lá no fundo, fazendo sombras lá embaixo, sombras de vários formatos, sabe tipo eu fiquei pensando "o que será que tem lá embaixo?" Algum bicho perigoso? Algum destroço de avião com pessoas que se afogaram? Sei lá. A raia tinha sumido já. Eu já estava sem referência de frente, costas, direita, esquerda. Eu tinha disparado muito rápido, empolgado. Ah mano, eu gastei muita energia sendo afoito! Meu pé e mão tava formigando, “será que vou ter câibra? Eu acho que vou ter câibra! Sério, eu tenho certeza que eu vou ter câimbra”

“E pera, e se eu me cansar antes de chegar no barco? Caraio, cade o barco?” Eu percebi que eu tava longe do costão rochoso e do barco. Senti meu corpo pequeno! Senti uma onda passar e mexer meu corpo pro lado, sem eu querer! “Será que eu entrei em alguma corrente? Eu lembrei das vezes que eu quase me afoguei no mar. Eu lembrei que eu tinha medo! O terror foi tão louco... tão real! A Amanda olhou pra trás e ela percebeu que eu tinha travado. Nadei desesperado de volta pro barco... tremendo. Por causa do pânico, eu engoli um pouquinho de água. Eu agarrei no barco com a mão. Me tremendo todo.

Eu achei que tinha superado esse trauma.

Eu tava enganado.

Eu ainda era refém desse medo.

NARRADOR: Olha... Não sou refém só do meu medo de mergulhar, mas eu também tenho medo demais de estar naquela ilha! Principalmente de noite. Na hora de dormir eu evitava olhar pra janela que dava pro presídio, sabe.

Pra você ter uma ideia, eu dormia com uma lanterna presa no pescoço, de tanto medo do escuro. De noite, eu **gelava**, toda vez eu andava sozinho no caminho até o alojamento do projeto das Borboletas, que era onde a gente jantava. Era um caminho escurasso! Eu sentia calafrio, um atrás do outro, sabe? Uma sensação de estar sendo observado. De estar vulnerável.

No meio de tanto pavor, eu lembrei de uma ideia que eu troquei com o Val, que é um dos seguranças da ilha. Ele dizia o seguinte:

Val: *Você não... não é você gostar da Ilha. Eu acho que é a Ilha gostar de você. Então só fica na ilha quem a ilha quer. A Ilha primeiramente tem que gostar de você, e você gostar da Ilha pra você permanecer.*

Lucas: O Val fala da Ilha como se ela tivesse vontade própria, tá ligado. Como se fosse um ser vivo. Ele também me disse que a ilha ensina. Que quando ela quer ensinar, ela te chama. E se você não aprendeu, ela faz você voltar.

Gabi: E pra mim e pro Lucas, essa já era tipo a quinta vez que a gente tava indo pra Ilha. Haja aprendizado!

Lucas: É, a gente é repetente praticamente, né?

Lucas: Sabe, será que a Ilha me fez voltar pra eu aprender alguma coisa? Sei lá, aprender a me livrar de alguma coisa que me prenda? Será que ela quer me ensinar a perder o meu

medo? Mesmo eu sendo cético. Eu decidi entrar nessa brincadeira. Sabe, eu pensei: se eu quero encontrar essa raia-chita, eu preciso controlar o meu medo, pra poder mergulhar, né? Se eu quero controlar os meus medos, eu preciso enfrentar os meus medos. Não só do mar, mas esse meu medo dessas coisas sobrenaturais. Então eu decidi que eu ia visitar um lugar da ilha onde até o Lucas Citele, que é o nosso coordenador que não tem medo de espíritos... Até ele tem medo de visitar:

Lucas Citele: Eu só, a única coisa que eu não gosto de estar na Ilha Anchieta, o único local que eu não entro é o cemitério.

Lucas: Esse é o Citele falando.

Lucas Citele: Eu não gosto, eu passo muito mal toda vez que eu entro, infelizmente. .. Já tentei de tudo... Entrar, fazer uma oração antes de entrar, mas eu sempre fico com muita dor de cabeça, passo mal assim, fico enjoado. Mas isso, é um lugar que eu respeito, então eu prefiro não entrar. Eu vou até a porta, levo as pessoas, mas da porta pra dentro, não consigo, não entro

Lucas: Gravando, indo pro cemitério

Gabi: A gente tá andando aqui no deckzinho de madeira, e do lado a gente consegue ver uma restinga, que é essa vegetação que fica logo na beira da praia assim, e também tem um riozinho que chega na praia

Gabi: Você deve estar se perguntando: “cemitério na Ilha?”

Sim, a gente não te contou isso até agora, mas se você pegar uma trilha no fundo da mata da Praia das Palmas, onde aparentemente não tem nenhuma construção, e onde é totalmente escuro de noite...você encontra um muro pequeno feito de pedras, no meio do mato. Atrás dele, a gente vê uma área do tamanho de uma quadra de futsal. E dentro, tem mais de 40 estacas com cruzes fincadas no chão.

Lucas: E.. bem no meio tem, parece um covil né, grandão.

Lascada: É uma cruz ali

Gabi: As cruzes são parecidas com as que a gente conhece do cristianismo, mas com três estacas, na horizontal: o símbolo da Igreja Ortodoxa Russa.

Lucas: Eu quero ver o que tá escrito

Gabi: Eu não quero descer

Lucas: Vamo

Lascada: Vocês lava esse chinelo!...

Lucas: Jorge Olavastick. Ai tô pisando em... eu pisei bem em uma tumba velho...

Gabi: Nessas covas, há quase 100 anos, foram enterradas dezenas de pessoas búlgaras vindas da Bessarábia. Pessoas que vieram morar aqui e mal sabiam que nunca mais iam voltar pra sua terra natal.

Lucas: E ali, a gente sabia que tava enterrada uma pessoa em especial, que a gente conheceu no começo desse episódio.

Lucas: Caralho, será que tem? Mano, seria foda achar... Mano deve ter, deve ter. Ele deve...

Lucas: Uma pessoa que mesmo sem vida, me trouxe um ensinamento importante.

Lucas: Foi isso gente, a visita ao cemitério...

Ou, e se eu falar que eu to com um pouquinho de dor de cabeça, que é o que o Lucas sente...

Gabi: Eu não to... confortável

Lucas: Então, vamo continuar essa história do começo do episódio.

O dia agora é 18 de abril de 1926. O Jorge Cocicov e os quase 2000 búlgaros foram despejados dos barcos na praia principal da Ilha, que na época se chamava Ilha dos Porcos, ou também conhecida como Ilha da Morte. No edifício de frente, tinha uma placa escrita "Colônia Correccional do Porto das Palmas", a antiga placa de um presídio que foi desativado em 1914, anos antes. Isso foi bem antes da época do presídio e da rebelião que a gente falou no episódio anterior. Só pra lembrar: a rebelião foi em 1952. E os búlgaros estiveram na ilha bem antes, em 1926. Então, foi mais ou menos assim: presídio, búlgaros e presídio de novo, dessa vez com a rebelião, beleza?

Agora volta pra alguns anos antes dos búlgaros chegarem na Ilha: depois da desativação do primeiro presídio, a ilha tinha ficado sob a administração precária de um zelador, que não reformou, pouco limpava e não conseguiu impedir que vários materiais de construção fossem roubados por barqueiros que passavam ali. Ali também moravam alguns caixas, que foram expulsos pelo governo, para abrigar aqueles búlgaros que se negavam a ser escravos. O jornal semanal "Cidade de Ubatuba", noticiou o seguinte:

Gabi: "O Governo do Estado acaba de aproveitar a Ilha dos Porcos, estabelecendo ali uma hospedaria de imigrantes. A Ilha está guarnecida por uma força do 1º Batalhão composta de praças, dois cabos e dois sargentos."

Lucas: Hospedaria? É, de hospedaria, aquilo não tinha nada. Aquilo tava um espelunca: os búlgaros tiveram que dormir sem colchão, sem cobertor, no que sobrou das celas e dos casarões do presídio abandonado há mais de 15 anos. Pra se proteger do frio da noite, eles costuravam uma espécie de saco de dormir feita de trapos que eles chamavam de "urgan". Eles recebiam uma alimentação zuada, precária, só feijão e arroz meio cru. Não tinha quase nenhuma assistência médica, nem farmacêutica. Água potável era rara. A gente sabe disso porque tá num relato de um dos imigrantes que tavam lá. Ele se chamava **Demétrio Coev**. Ele prestou esse depoimento, e segundo ele

Demétrio Coev: "O tratamento não era bom. Eu quero crer que nenhum prisioneiro político teria uma vida tão sacrificada. A vida lá era... desumana."

Lucas: Já logo no primeiro dia de estadia, Georgi Cuesevev, de dois anos de idade e Alexandre Erchenco, de 1 ano.... morreram.... misteriosamente. No dia seguinte, Boris Borogan, de 4 anos.... também faleceu. Os dias passam e aquelas pessoas já não sabem a quem recorrer. O Jorge dormia tenso no chão frio. Para driblar a fome, eles deram

continuidade às plantações que os caiçaras deixaram lá, quando foram expulsos. Lá tinha vários tipos de plantação, e entre elas, tinha a plantação de mandioca brava. Essa raiz é diferente da mandioca mansa... a mandioca brava servia para fazer farinha, mas como os caiçaras, - como eu disse - foram expulsos de lá, eles não ensinaram para os búlgaros que essa planta precisava passar por um processo antes de comer: precisa ficar de molho, ser raspada, cozida e espremida. Isso porque dentro dela tem ácido cianídrico... uma substância muito venenosa.

Um mês se passou, já se somam 57 pessoas mortas. Muitas com sintomas de tosse, febre, dor de barriga, diarreia. Os cuidados médicos que eles recebiam eram só paliativos. A Eudoxia tava magra, ela carregava a Maria com dificuldade. No dia 22 de maio, 34 dias que eles estavam na Ilha, um advogado, Bertô Condé, entrou com um pedido de habeas corpus, alegando que aquilo era uma prisão ilegal e denunciou as condições para o Ministério Público. A resposta veio só mais de um mês depois, no dia 31 de maio, quando já se somavam 84 mortes. A resposta do Ministério Público: negou o habeas corpus... eles alegaram que aqueles imigrantes, quando eles estavam na cidade, eles estavam: "Exaltados, perambulavam em grupos pela cidade em lastimável penúria". E, o Ministério Público considerou que a polícia preveniu "possíveis perturbações da ordem por essa grande quantidade de desocupados e famintos numa capital como esta". E até passou um pano dizendo que a polícia fez um "dever de humanidade de não os deixar perecer na rua pública à míngua de recursos". Ou seja: ignorou completamente os pedidos de socorro e acreditou completamente nos relatos do chefe de polícia que fez esse relato.

Lucas: : Mano, quando eu soube da história dessa família, eu consegui me colocar no lugar deles, tá ligado? É claro que é muito difícil de comparar a minha vida com a deles. Era outro tempo. Mas ainda assim, eu consegui me inspirar, tá ligado?

Porque eu já me arrisquei pra tentar algo melhor na vida também. Claro que assim, em proporção diferente, mas se for pensar bem... Eu me arrisquei na minha vida! Num bairro onde a chance de se conseguir viver de estudos é baixíssima, eu não desisti de entrar em uma universidade pública, eu fiz cursinho por 3 anos, enfrentei preconceito na minha rua, eu fui chamado de vagabundo por gente da minha família, eu enfrentei jejum forçado várias vezes, eu contava as moedas pra pegar onibus, pra comprar uma bolachinha de maizena pra segurar a fome enquanto eu estudava no cursinho, tá ligado? Eu devorava as apostilas pra sonhar, sonhar com uma terra prometida, tá ligado? A vida acadêmica. Mesmo sem condição financeira, eu me sustentei, mano, de sonhos: como professor, como cientista, artista, divulgador da ciência... Profissões arriscadas pra quem vem do Jardim Iporanga, tá ligado? Que nos anos 90 era conhecido pelos outros bairros por tráfico de droga e violência. E eu... magrelinho, nerd, mirradinho, medroso, na escola, alvo de bullying, de ameaça. Todo dia ouvindo história de tiro, de cadeia, de porrada. Ninguém deve passar por essas coisas pra ser forte. Mas eu mano... nesse caso... Eu sobrevivi. Não sem dor, não sem trauma. Mas to aqui, não to, porra!? Falando no seu ouvido, me apresentando como biólogo com a boca cheia!?

Ae, na moral? Eu sou corajoso pra cacete mano!

Tipo o Jorge e a Eudóxia...

Mas, a história dessa família termina de uma maneira trágica...

Lucas: O mês de Junho de 1926 passou, na Ilha, mais doenças seguidas de mortes vieram. A situação começava a ser noticiada em alguns jornais. Quando finalmente, em julho, depois de mais de 3 meses, os búlgaros começaram aos poucos a serem transferidos de volta para São Paulo, dessa vez com pouco mais de liberdade. A Eudóxia e o Jorge esperavam ansiosamente para saírem daquela ilha. Quando faltava um dia, um dia para eles irem embora, a pequena Maria, com 5 meses de idade, com gastroenterite... Falece. Ao todo foram 151 pessoas mortas, sendo 143 crianças. É uma cicatriz que os imigrantes búlgaros no Brasil carregam até hoje.

Gabi: A gente ficou sabendo dessa história não só pelos documentos. Mas a gente teve a ajuda especial de uma pessoa:

Jorge Cocicov: Pois não... pode começar então?

Gabi: Essa pessoa foi quem escreveu um livro chamado “Castigo e Morte: Búlgaros e Gagaúzos Bessarabianos na Ilha Anchieta” e outros 3 livros contando sobre a imigração búlgara no Brasil.

Jorge Cocicov: Meu nome é Jorge Cocicov, cujo sobrenome já indica que a minha origem é de búlgaros.

Gabi: O Jorge, é um senhor de óculos redondos, que se dedica há mais de dez anos a buscar relatos dos seus parentes, notícias e documentos sobre essa história. O trabalho do Jorge foi reconhecido tanto pela academia aqui no Brasil, quanto pelo governo Búlgaro, que deu pra ele uma medalha e a cidadania búlgara

Jorge Cocicov: E os meus avós e pais vieram da Europa pra cá em 1926. E constituíram, digamos, família aqui, da qual eu descendente da primeira geração brasileira. Atualmente estou com 88 anos de idade, na minha família diziam que a esposa do meu tio avô, Eudoxia, Eudoxia Cocicov, tinha perdido uma criança durante a viagem do navio, e essa criança foi sepultada no mar. Esses meus antepassados, estavam entre esses 2000 imigrantes que foram para a Ilha Anchieta... Quando eu comecei a fazer a pesquisa, eu fui ao cartório de registros em Ubatuba pra verificar quais foram as famílias, quais foram as pessoas que faleceram. E foi uma coisa, assim, surpreendente... imagine, no penúltimo nome, o penúltimo nome, eu encontrei um “Cochicov”, uma menina, Maria Cochicov.

Gabi: Vocês lembram do Miguel? O irmão do outro Jorge, que é pai da Maria? Então, o Miguel conseguiu sair da ilha com vida e foi morar no interior de São Paulo. Ele teve um filho, o João Cocicov. O João também teve um filho e deu o mesmo nome do seu tio: Jorge Cocicov, esse senhor de óculos redondo que conversou com a gente.

Jorge Cocicov: Então era mentira, que aquela criança havia falecido durante a viagem. Eu fiquei surpreso, e fui procurar os motivos pelos quais isso não tinha sido divulgado em família. A razão era porque eles ficaram envergonhados de dizer que ficaram presos logo que chegaram no Brasil.

Gabi: Em reconhecimento a essa tragédia, hoje, na cidade de Ubatuba, o dia 18 de abril é o dia da Imigração Búlgara no Brasil. Nesse dia, a Associação do Povo Búlgaro no Brasil se

reúne com os descendentes de búlgaros lá na Ilha e no continente, e celebram missas em memória aos seus antepassados que, há quase cem anos, vieram aqui para o Brasil.

Lucas: Quando eu entrei naquele cemitério pela primeira vez. Eu - óbvio - fiquei com muito medo. Mas entender a história daquelas pessoas, me fez me conectar um pouco com elas, tá ligado? O medo, muitas vezes ele é construído na sombra, naquele espaço vazio do desconhecimento, sabe? Pra mim, conhecer essa história, foi como ligar uma lanterna no cemitério búlgaro.

Isso tudo me fez controlar um pouco mais o pavor que eu tenho dos espíritos da Ilha. Mas eu acho que a ilha tava me ensinando outra coisa também

Lucas: Hoje é meu aniversáriuu-u-u, estou de parabuóix!...

É... dia 20 de março, é meu aniversário, bem simbólico pra mim, já que eu to fazendo 32 anos e fazendo uma atividade que pra mim até então não me cabia a minha idade, sabe. A maioria da galera que faz aqui ta com seus 25...22, por aí... E... Eu não me sentia no direito de fazer até então, sabe?

Mas hoje eu tô em paz com isso. Depois de ter passado por tudo isso, por mais da metade desse mês, desse desafio. Eu acho que eu encontrei todos os propósitos pra eu estar aqui. Principalmente... Entender por que que aos 32 anos eu cheguei nesse lugar. E a explicação mais rápida que eu tenho é: eu sempre quis! Eu sempre quis fazer isso durante a minha graduação, há uns 10 anos atrás, quando eu entrei na faculdade. Mas eu nunca pude ficar um mês sem trabalhar, sem correr atrás das minhas coisa. Precisava correr.

Uma vez eu vi num livro, "Capão Pecado", escrito pelo Ferrez, um dos grandes escritores aí do Capão Redondo, ele falava que o futuro de quem é de quebrada sempre fica um pouquinho mais pra frente, sabe... Sempre pra frente.. Os nossos sonhos de estudar, de conseguir uma coisa melhor, de conquistar nossos bens, de trabalhar com o que gosta.... Hoje eu tenho a plena certeza de que, se eu cheguei aqui... num lugar que eu queria estar há 10 anos atrás... é porque eu paguei com o tempo. Eu paguei com o tempo. E persistência...

Eu tenho a plena ciência disso.. agora. E isso me deixa um pouco mais em paz.

Saber que eu to realizando as coisas que o Lucas de 10 anos atrás queria fazer. Isso pra mim é triunfo. Isso pra mim é vitória. Isso é motivo de comemorar. E é o que a gente vai fazer hoje! "Vamo comemorar o dia de hoje que o amanhã pertence a deus a vida é loka!" Essa noite vai ser linda...

Lucas: E realmente, foi! O pessoal do projeto das borboletas se juntou com a gente do projeto das raias, a gente chamou os coordenadores e a gente fez uma festa

Lucas: Aniversário do pai, temos! Pizzinha saindo, hamburguinho saindo no capricho, pão de alho, pão de alhos, convidados, convidados pro rolê, mano! Hahaha

Lucas: Uma festa no quiosque, na alameda principal da Ilha, de frente pro mar.

Lucas: Temos pão de hambúrguer e uns docinhos, tem uma bebida logicamente não alcoólica porque não pode e um bolinho feito pela Helena, Haha

E vai ter outra calda de limão, certo? Tem até molhinho. Hoje ta tendo, feliz aniversário pra nós

Lucas: A festa tava completa!

Lucas: Iuantiuguefã, iuantioguefiiii, dabatibatibi, naneuaiii e fi

Lucas: Às 9 da noite, quando o gerador foi desligado, a gente caminhou até a Praia das Palmas, a gente esticou umas cangas, e a gente sentou na areia fofinha, a gente botou umas velas e lanternas em buracos. E o Anderson, um dos integrantes dos Borboletas, ele tocou até ukulele pra gente. Tudo isso enquanto a gente olhava pro céu. Tinha algumas pessoas tavam entrando no mar, e o mar refletia as estrelas. Tem um ser vivo microscópico do mar, que ele fazia as ondas brilhar que nem purpurina, sabe? Se chama "Noctiluca". E na mata, vários vagalumes tavam piscando tentando se aproximar da gente. Eu tenho certeza que aquele era o melhor lugar pra eu estar naquele dia 20. Aquelas pessoas fizeram uma festa de aniversário que eu nunca imaginei que eu poderia ter. A história daquele cemitério que estava a alguns metros da gente, me lembrou que eu sou corajoso. As histórias que se cruzam nessa ilha me lembraram que eu preciso respeitar a minha história também. Os 32 vieram para eu saber que ainda tenho muita história pela frente!
Na moral? Eu to vivo mano!

Lucas: Ó, calma que a nossa história não acabou hoje, mas a gente tem um recado rápido pra te dar. A gente não, a Lara:

Lara: Você já deve ter se perguntado sobre o futuro do nosso planeta. E no mundo em que as consequências das crises climáticas estão cada vez mais evidentes, nós apostamos em uma estratégia ancestral pra tentar inspirar mudanças no presente: contar histórias. Especular futuros em narrativas nas quais o que mais nos interessa é pensar em como a humanidade se posiciona diante das ruínas. Talvez imaginar uma distopia lá na frente sirva como inspiração para atuarmos no agora. Eu sou **Lara Carvalho**, e te convido a ouvir o podcast **Meridianos**, uma coleção de histórias ficcionais que estão mais perto da realidade do que a gente gostaria. Na primeira temporada, o programa foca em ficções possíveis, impossíveis na Bahia. Afinal, pense no absurdo, na Bahia tem precedentes...
Meridianos, a partir de 3 de julho de 2024 em todas as plataformas de áudio

Gabi: E assim a gente foi vivendo a Ilha. Agora, o trabalho tinha poucas novidades. A gente sabia que a nossa aventura tava acabando... E aí, a gente focou em curtir. No dia seguinte, no almoço a água tava linda, e a gente ficou nadando atoa ali na praia principal. Na outra noite, a gente achou um projetor, a gente deitou no salão de visitantes, estouramo uma pipoca e botamos um filme.

Lucas: Todo mundo dormiu hahah

Gabi: A galera tava tão cansada que dormiu rapidão, que nem criança, largada. Na outra noite, a gente combinou de ir pra Praia do Sul, ver o pôr do Sol. Deu até pra mergulhar e ver umas bicudas, um peixe que parece uma barracuda, cheio de dente. Numa outra noite,

quando a gente já tava quase indo dormir, a Lascada mandou mensagem dizendo que o Anderson fez uma torta de limão no alojamento das Borboletas. Tava muito gostosa!!

Lucas: No dia seguinte, foi aniversário do Léo da limpeza, eu fiz uma caricatura pra ele. Mano, ele ficou feliz. E assim foi indo os nossos dias. Trabalhoso, mas que deu pra se sentir ainda mais vivo, sabe?

Gabi: Quando a gente menos percebeu, chegou o dia do grupo das Borboletas ir embora!

Lucas: No fim desse dia, todos eles tiveram que ir de barco pra uma das praias da Ilha. E aí quando eles voltaram, eu tava lá no banheiro da administração... e aí eu ouço uns gritos! E aí mano, já saí correndo - calma, eu lavei a mão, tá?- saí correndo e eu presenciei isso daqui:

Todos os borboletas: "A gente viu a chitaaaaaa!"

Lucas: Ah, não!! Nem fudeeendooo!!

Ah não mano, é sério? Mentira! Mentira!

Josi: Eu e a Amanda não vimos, quem mais não viu

Lari: Eu viii, eu viii

Lucas: Sim! Do barco, eles viram uma raia-chita próximo da Praia do Leste!

Lascada: Tipo a gente, os meninos tavam na frente, a gente viu peixe voador

Os meninos tavam na frente e falaram "olha ali ó", tava uma turbulência na água. Aí a gente foi seguindo e quando chegou aqui assim, a gente só viu assim

Aí a gente: "É a chota, é a chita!"

Lucas: Ah nãoaa!

Anderson: Todo mundo começou a gritar que nem copa do mundo!

Lascada: Ae caralho!!! Chita!

Lucas: Eu não acredito...

Lascada: Mano foi todo mundo gritando, foi final de copa

Lucas: Grande?

Lascada: Mano, eu achei grande, deu pra ver direitinho! Gente, eu vi! Eu vi! Ela fez assim na hora que passou bem aqui do nosso lado né

Lucas: Ah não mano... Hahaha

Mano! Só nós que não vê o bagulho!

Lari: Não, a Ari viu ainda!

Gabi: Na manhã seguinte, eles foram embora.

A gente era em 17, e agora tava em 7. A ilha tá mais vazia, tava tudo muito quieto. Mas todo esse silêncio quebrou, quando na noite seguinte, no nosso penúltimo dia de campo, no meio do jantar, chegou o Val, o segurança. E ele revelou uma coisa que mudou completamente o nosso rumo. O Val contou que ele viu duas raia-chitas no mês passado.

Lucas: Val, você conta aí pra gente como você viu a raia-chita?

Val: Eu tava dando a volta na ilha, fazendo coleta de água pra CETESB num sábado. Passei pelo Saco Grande e quando eu cheguei no Sul era por volta de 6h30 mais ou

menos. Aí tinha.. eu avistei duas raias, uma grande e uma pequena. Aí a pequena saiu pra esquerda e ficou uma grande na minha frente. As duas eram raia-chita. A grandona ficou brincando na frente da lancha. Além das duas tinha mais lá embaixo, que é a raia-manteiga lá né. Tinha mais raia-manteiga lá.

Lucas: Você viu ainda... na praia do Sul?

Val: Na Praia do Sul.

Lucas: Mas que canto, da esquerda ou da direita?

Val: Você chegando de barco, do lado direito, você chegando pela praia, lado esquerdo.

Lucas: Lado esquerdo. Mas é mais pro fundo?

Val: Não, dentro da área de banho!

Lucas: Que hora que era?

Val: 6 e meia da manhã

Lucas: 6 e meia da manhã

Yoshi: É o nosso horário!

Lucas: É a hora que a gente tem que colar lá!

Yoshi: A gente vai colar lá!

Iara: Então vamo dormir logo!!!

Lucas: Vamo dormir logooo!

Iara: Que horas são??

Lucas: Esse relato foi crucial pra gente viver um dos momentos mais incríveis, mais surreais da nossa vida e gravar aquele vídeo inédito no dia seguinte. No próximo episódio a gente vai contar tudo, tudo sobre o nosso último dia de mergulho, a nossa última chance de encontrar a raia-chita...

Gabi: E dessa vez, talvez superar um dos medos do Lucas.

Lucas: Toma essa, por essa ninguém esperava, hein!

Gabi: No nosso site, sinaldevidapodcast.com.br, tem conteúdo extra sobre as pesquisas que a gente fez sobre os búlgaros, e outros materiais e links pra você se aprofundar nesse tema.

Lucas: E além disso, no nosso site a gente vai deixar a versão sem palavrão. Caso você queira.

Gabi: E não esquece de seguir a gente nas redes sociais: @sinaldevidapodcast

Gabi: Quem fez a pesquisa, o roteiro, a narração e a produção desse podcast fomos nós, Gabi Longo, e Lucas Andrade.

Lucas: A edição de som e a arte do episódio fui eu, Lucas Andrade.

Gabi: Esse projeto contou com a mentoria da Natalia Silva.

Lucas: A trilha sonora original e mixagem foi do Amon Medrado.

Gabi: As vozes dos dois personagens búlgaros foram do Leno Machado

Lucas: A voz do policial foi dublada pelo Jorge Maia, que gravou no Brand Studios

Gabi: A identidade visual foi do Breno Ferreira

Lucas: Na divulgação e nas redes Sociais: Amanda Guedes

Gabi: O desenvolvimento do site foi do Estúdio Amar

Lucas: E um agradecimento especial pro Jorge Cocicov que ajudou a gente com a pesquisa e concedeu essa entrevista pra gente

Lucas: Até o próximo, e mais emocionante episódio

Gabi: Tchau!

Lucas: E se você é pesquisador ou pesquisadora e que que nós, do Sinal de Vida, acompanhe e grave as histórias da sua viagem de campo. Fala com a gente. A gente tá super aberto a novas propostas novos lugares e novos estudos. Envie e-mail para contato@sinaldevidapodcast.com.br. Quem sabe a próxima temporada não conte sobre a sua viagem de campo?

Lucas: Ei, segredinho! Os nossos episódios tão saindo aos sábados, às 8h30. Mas no sábado que vem, como a gente vai acordar mais cedo pra ver a raia, o episódio sai às 6h30 da manhã! Mas ó: segredo ein...